

Política de Resultados

O tom pragmático e cuidadoso que o presidente Fernando Henrique vem imprimindo às suas declarações no exterior mostra como se tornou sutil a arte de governar, num mundo política e economicamente globalizado. Com o fim da Guerra Fria e, conseqüentemente, do ciclo das ditaduras clássicas, não basta mais a um governante estar alinhado a um bloco geopolítico para garantir investimentos ou parcerias comerciais.

Sem a barreira ideológica, que virou cascalho com o Muro de Berlim, o capital ganhou liberdade, velocidade e fluidez. Convencer o investidor internacional a aplicar aqui ou ali é um exercício que exige competência diplomática e porta-fólio confiável. Mantê-lo aplicado requer garantia de resultados estáveis.

O mundo pós-moderno se caracteriza pela fragmentação ideológica, política e econômica. Nele, elege-se o político de resultados, transformando ministros da Fazenda em eleitores privilegiados. Explica, também, a safra de reeleições iniciada com Menem e Fujimori, reafirmada com Clinton e com o aceno dado no primeiro turno a Fernando Henrique. Mas com a mesma velocidade com que constrói biografias, destrói mitos.

O sucesso da viagem à Europa pode ser medido pelos aplausos entusiasmados do empresariado italiano ao discurso feito pelo

presidente na Confederação das Indústrias. Ao mostrar aos investidores italianos os números da inflação, do crescimento do Produto Interno Bruto, os níveis das reservas cambiais e o volume de investimentos estrangeiros no Brasil, falou na única língua entendida pelo capital internacional: o idioma dos resultados. Nesse mercado, pesam cada vez menos as decisões ideológicas e de governo. Melhor parceiro é quem melhor remunera e dá segurança.

No mundo pós-moderno, governar demanda imaginação e criatividade. Nele, as alianças são transitórias, as decisões são rápidas e a capacidade de perceber mudanças permanente. Não há mais espaço para dançarinos loucos, nem para sonhadores utópicos. O capital que sustentou o crescimento mexicano evaporou-se em horas com a guerrilha de Chiapas.

Nesse mundo do eterno provisório, Fernando Henrique tem conseguido, até aqui, mostrar agilidade e jogo de cintura. Bate um pouco no protecionismo americano e europeu, mas senta-se à mesa de negociações e firma acordos. Endurece com o PMDB, mas afaga-o para construir a maioria que lhe garantirá as reformas constitucionais. Esgrima com elegância e competência, pois sabe que esse não é um mundo para principiantes. Aqui, um golpe errado pode custar a vida.